


PAISAGEM, NATUREZA, RECURSO NATURAL E MEIO AMBIENTE: DILEMAS GEOGRÁFICOS E REFLEXÕES AINDA OPORTUNAS

LANDSCAPE, NATURE, NATURAL RESOURCES AND ENVIRONMENT:
GEOGRAPHIC DILEMMAS AND YET OPPORTUNE REFLECTIONS

PAISAJE, NATURALEZA, RECURSO NATURAL Y MEDIO AMBIENTE:
DILEMAS GEOGRÁFICOS Y REFLEXIONES AÚN ACTUALES

Dana Aguiar da Silva¹

 0000-0002-3186-9804


dana_aguiar13@yahoo.com.br

Michel Pacheco Guedes²

 0000-0003-4701-0014

mpguedes@ufpa.br

Tatiana Rocha de Azevedo³

 0000-0002-5046-7368

azevedotr@gmail.com

1 Mestranda em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia – PPGeo/UFPA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3186-9804>. Email: dana_aguiar13@yahoo.com.br.

2 Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia – PPGeo/UFPA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4701-0014>. Email: mpguedes@ufpa.br.

3 Mestre em Ciências Ambientais-IFPA Campus Castanhal-ITV-DS Instituto Tecnológico Vale Desenvolvimento Sustentável. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5046-7368>. Email: azevedotr@gmail.com.

Artigo recebido em julho de 2022 e aceito para publicação em fevereiro de 2023.



Este artigo está licenciado sob uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

RESUMO: O objetivo que permeia o presente trabalho é a partir do princípio filosófico fundamental – o de perguntar e não necessariamente obter as respostas, e sim, passar antes por estímulos que leve à reflexão cuja temática trata daquilo que possa constituir dilema no interior da própria Geografia, quando se provoca o sujeito à tentativa de relacionar conceitos diversos. Buscamos como base a ciência geográfica, por meio de uma reunião bibliográfica que pudesse nos provocar o debate dentro da própria Geografia, mas também percorremos fontes da filosofia. Assim, quando apresentamos o ordenamento linear dos conceitos, utilizamos do método pautado na maiêutica socrática, onde o leitor é conduzindo à construção do conhecimento por meio de perguntas para formulação por este de novos saberes, cuja problemática é qual relação há entre os conceitos de Paisagem, Natureza, Meio Ambiente e Recurso Natural, sem que um se sobreponha ao outro ou se configure cristalizado o seu entendimento ou represente a totalidade? O elo que apontamos como central à tríade de conceitos é a Ideia de recurso natural no sentido que possa ser desconsiderado trabalhar cada um isoladamente para o estabelecimento do entendimento efetivo da relação sociedade *versus* natureza.

Palavras-chave: Geografia. Paisagem. Natureza. Meio ambiente. Recurso Natural.

ABSTRACT: The current work comes from the fundamental philosophical principle in which what is asked not necessarily means it'll be answered, but it leads to going through stimuli to reflect upon dilemmas inside Geography itself, when the subject is provoked to relate many concepts. We sought as the basis the geographic science, as per a bibliographic gathering which could lead to the following debate in geography, but so have we run through philosophical sources. Therefore, as the linear sorting of concepts is presented, we used a Socratic maieutic-based method – where the reader is taken to the knowledge construction, by questions to its development and so to newer knowledge – whose problematic is “Whatrelation is there to the concepts of Landscape, Nature, Environment and Natural Resource, not overlapping one another, or having their knowledge set as crystalized concepts, or having them representing totality. The link which we have set as the center to the concept triad is the idea of natural resources, as per the sense that working on each concept separately could not be considered as a way to establish an effective understanding of the relation between society and nature.

Keywords: Geography. Landscape. Nature. Environment. Natural Resources.

RESUMEN: El presente trabajo de revisión pretende seguir el principio filosófico fundamental: preguntar y no necesariamente obtener respuestas, sino pasar primero por estímulos inducidos por la reflexión. Buscamos como base la ciencia geográfica, a través de una recopilación bibliográfica que pudiera suscitar nos un debate dentro de la propia geografía, pero también buscamos otras fuentes. Así, al presentar el ordenamiento lineal de conceptos como Paisajes, Naturaleza, Recurso Natural y Medio Ambiente, no

es nuestra intención presentarlos como conceptos verticalizados o fragmentados, pero nuestro fundamento es que existe una integración entre los conceptos, y tratamos de establecer un vínculo entre ellos, incluso para el estímulo, considerando que no pueden confundir unos con otros.

Palabras clave: Geografía. Paisaje. Naturaleza. Recurso Natural. Medio Ambiente.

INTRODUÇÃO

O desafio a partir de uma compreensão não fragmentada da própria Geografia e dos elementos naturais e sociais e entre determinados conceitos e categorias de análise, pode ter criado certas convenções cristalizadas e isoladas entre si, assim como tem sido, a título de exemplo, a compreensão de natureza, afinal, “o que observamos não é a natureza em si, mas a natureza exposta ao nosso método de questionamento.” Heisenberg *apud* Santos (2004). E se a percepção de Paisagem da maior ainda de pauta na dimensão estética ou se ainda é aquela que limita até aonde a visão possa alcançar? A natureza é anterior a Paisagem ou está contida nela? E se a noção de Meio ambiente é aquele que ao que parece tudo cabe, portanto o simples fato de tratar de meio ambiente em si assim está se exercendo a Geografia?

Quando nos propusemos à linha de raciocínio a seguir nos pautamos nos seguintes autores e concepções: para o exercício filosófico adotou-se Deleuze e Guatarri (2010) e Zanutelli (2014), a concepção de Geografia buscamos em Viadana (2004), a apreensão sobre “Conceito” nos pautamos em Lencioni (2008) e para Paisagem Delpoux (1974) e Passos (2007), sobre Natureza recorremos a Santos (2004) e Tomasoni (2004); Recurso Natural em Candioto (2013) e Meio Ambiente, Souza (2019) e Reigota(2010).

O percurso metodológico que escolhemos perpassa pela apresentação dos conceitos que tratam da Paisagem, Natureza, Meio Ambiente e Recurso Natural, de modo que através do método socrático pautado na maiêutica possa levar o leitor a reflexão na tentativa de buscar estabelecer o elo entre os três conceitos. A maiêutica socrática enquanto arte de lavar alguém a produzir o próprio conhecimento através de perguntas por meio da função de unir conceitos (teorias para Sócrates), para o surgimento de novos saberes conforme no orienta Robson Gabioneta (2015):

A maiêutica socrática normalmente é descrita como a arte de conduzir alguém a produzir o próprio conhecimento por meio de perguntas, sem que Sócrates acrescentasse nada a este conhecimento. Porém, pensamos que ela é mais complexa que isso. Sócrates, para explicar sua arte a Teeteto, compara-se às parteiras. Elas julgam que sua principal função é unir os casais. Do mesmo modo, pensamos que a principal função de Sócrates é unir diferentes teorias, compondo novos saberes complexos. (Gabioneta, p.35, 2015)

O maiêutica passa por seis momentos distintos e relacionais entre si (Gabioneta, 2015):

- I. Sintetizam-se as formulações recebidas, adaptando-as gradativamente;
- II. Com isso, geram-se pontos de contatos ou elementos em comum;
- III. Permitindo, assim, uma fusão dessas teorias, cujo resultado é uma teoria mais complexa;
- IV. Investigam-se as novas teorias geradas;
- V. Que, por sua vez, são unidas às ‘velhas’ teorias;
- VI. Volta-se à etapa 1 para repetir o processo.

Esse contexto pode surgir cotidianamente questões de tal ordem como – qual a relação da Paisagem com a Natureza? Qual a unidade elementar da Paisagem? Considerando-se que o fazer geográfico está pautado na relação entre sociedade e natureza, outra questão, nesse binômio como é concebido o entendimento de recurso natural? E se existe uma natureza segunda por que ela é chamada assim?

Não tencionamos *a priori* responder na totalidade essas indagações, pois, nos assumimos “nômades neste espaço aberto para entender o espaço sedentário” de (DELEUZE; GUATTARI *apud* ZANOTELLI, 2014, p.66), mas, permitir o percurso do pensamento á luz da Geografia, de modo, que assuma como um exercício filosófico cuja finalidade primordial é a não obtenção de respostas prontas.

A nossa forma de análise pode assumir um caráter analítico setorial, mas o esforço é que à medida que saíamos de um conceito a outro possa haver uma interação entre as ideias para que se possa provocar no leitor um exercício cíclico em vez de uma visão verticalizada.

Quem sabe a partir da reunião do material bibliográfico levantado e as costuras realizadas possam levar o leitor a promoção da grande pergunta?

Essa luz a que nos propomos lançar ainda é aquela no fim do túnel que alimenta uma esperança de chegar à saída da caverna e poder contemplar a magnitude da natureza e suas forças e a permissão desta pela contemplação de uma paisagem menos modificada pela ação do homem e de que os recursos naturais não sejam neste “novo” meio ambiente tão disputado e escasso para grande parcela da humanidade, por hora utopia, o que no cabe é refletir.

A COMPARTIMENTAÇÃO E NÃO FRAGMENTAÇÃO DO PLANETA TERRA

Na difícil tarefa de pontuar o que é Geografia por uma série de questões intrínsecas a essa ciência e não é nosso objetivo travar um debate epistemológico, todavia, adotou-se a concepção de Geografia em Viadana (2004), que nos diz que:

Nas suas linhas mais abrangentes e de dentro de sua visão mais clássica a Geografia é uma ciência que tem como principal escopo a investigação das interações e a organização dos processos espaciais que se realizam na superfície terrestre, incluindo nesse contexto os fatos físicos, biológicos e humanos.” (VIADANA, 2014).

Portanto, essa concepção de Geografia que privilegia as interações é ponto de partida dessa reflexão e a partir de deste entendimento vamos refletir como determinados entendimentos e conceitos transitam no interior desta Ciência.

Na tentativa de compreender a complexidade do mundo, a sociedade busca na compartimentação do planeta uma forma de compreendê-lo, essa proposição ainda pautada em princípios cartesianos é um modelo paradigmático que ainda reflete em alta intensidade a produção científica, para além de uma visão cartesiana, mas, pautada como pensa Jean Tricart (1979) *The « system method » allows us on the one hand to perceive some components of every gross geographical medium (example in Amazonia), on the other hand to conceive the whole without knowing each of its items.* (TRICART, 1979, p.377), onde a proposta do autor de que a realidade possa ser avaliada como se fosse um sistema em interdependência, para isto faz-se necessário conhecer todos os componentes do sistema.

A título de exemplo, a Biosfera para além das esferas que a compõem (Litosfera, Hidrosfera e Atmosfera) é mais pertinente considerá-la como um conjunto de sistemas ambientais que integram uma gama variada de fenômenos e processos que se relacionam em diversas escalas espaço temporal Tomasoni (2004, p.22). Porém, há outras considerações a partir de um exercício filosófico partindo de uma pergunta que possa parecer elementar mais de fundamental reflexão: Qual é o limite de atuação da Geografia para cima e para baixo, seria o espaço sideral num extremo e o núcleo da Terra noutro extremo reais objetos de estudo da ciência Geográfica?

Assim, a concepção do Planeta Terra em Sistemas de Esferas nos direciona a essa resposta:

A parte exterior do planeta Terra constitui um sistema global inter-atuante, formado de subsistemas a ele subordinado de níveis mais inferiores, dá lugar a um todo único que é o meio natural das espécies biológicas e da sociedade humana, tendo uma significativa transcendência para a comunidade mundial. (RODRIGUES, 2013 et al. p.30)

Muito pertinente o esclarecimento de Alexander A. Grigoriev (1993), quando menciona o Estrato Geográfico da Terra:

Compreende a crosta, a baixa atmosfera (troposfera e parte da estratosfera), hidrosfera, regolito (manto do solo), cobertura vegetal e reino animal. É uma das camadas básicas da Terra que difere daquelas que se situam abaixo e acima da superfície e na qual se incluem matérias nos três estados agregados. Seu processamento advém de fontes energéticas cósmicas e terrestres (nas outras camadas o processamento é produzido, principalmente, por uma ou por outra); é o único estrato que sustenta a vida, habitat da sociedade humana. (GRIGORIEV, 1993, p.96).

Neste sentido, ter noções claras dos limites de atuação de dada área do conhecimento ou Ciência inserida no auxilia a não correr o risco de se perder no tempo e no espaço sob tantas outras variadas concepções que vão assumindo certa elasticidade. Portanto, devemos nos preocupar-se com esse estado de conservação das coisas é necessário enquanto atributo de reflexão até para o aprimoramento ao construto de determinado conceito.

Do ponto de vista da Geografia Suertegaray (2001) no diz que:

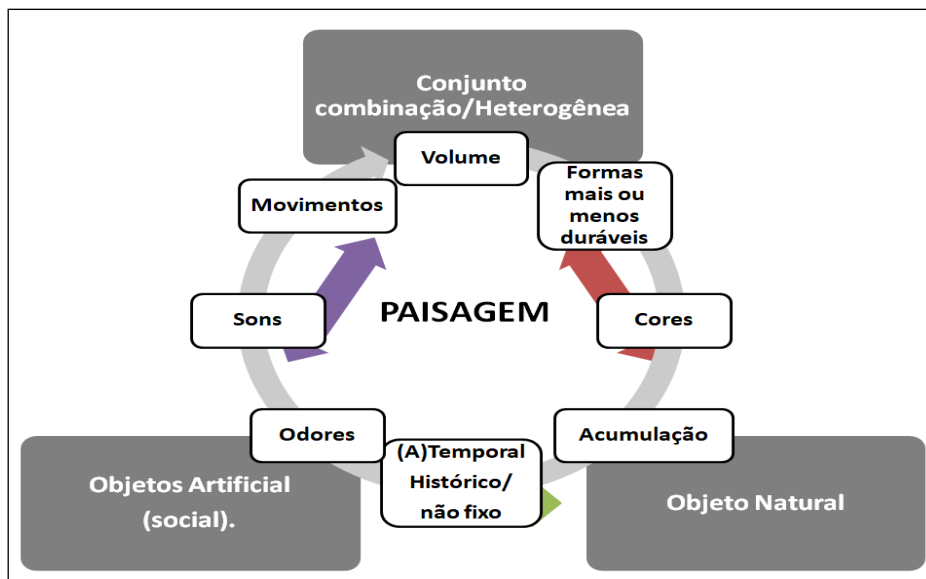
Nosso pensamento é de que a Geografia se expressou e se expressa suportada por um conjunto de conceitos que, por vezes, são considerados como equivalentes, a exemplo do uso do conceito de espaço geográfico como equivalente ao de paisagem, entre outros. De nossa parte percebemos que os conceitos geográficos expressam níveis de abstração diferenciados e, por consequência, possibilidades operacionais também diferenciadas. (SUERTEGARAY, 2001, p.1).

Essa “confusão, mencionada possa ainda estar instalada nas mentes de alguns, quando para além do grande esforço de abstração de determinado conceito, afinal, o princípio é: não há conceito simples (DELEUZE; GUATARRI, 2010, p.27), o passo segundo é estabelecer um nexos causal entre conceitos diversos, noutra aspecto, logo em seguida como operacionalizá-lo na realidade?

O QUE É MESMO PAISAGEM?

Noutro aspecto, e considerando o seu sentido polissêmico e os inúmeros entendimentos sobre a Paisagem esta também nos remetem a uma pergunta provocativa elementar – Qual a menor unidade de Paisagem quando além dele ser dotada de uma escala superior (paisagem oceânica e paisagens continentais) e inferior (geossistema)?

Marcel Delpoux (1974) considera a Paisagem enquanto “Qualquer parte, sem exceção, da superfície terrestre constitui uma paisagem, um setor, ou um mosaico de paisagens”, porém sobre essa noção é importante esclarecer que o autor francês não considera uma visão analítica setorial, mas considera a interação entre os diversos componentes da mesma: Esta constituída de Suporte (características geológicas) e Cobertura (materializa a influência dos parâmetros climáticos, pedológicos, biológicos e o próprio parâmetro antrópico).



Fonte: Santos (2014). Adaptado pelos autores.

Figura 1. A Definição de Paisagem Segundo Milton Santos.

Noutra perspectiva, há uma clássica percepção de Paisagem nos livros didáticos de Geografia até 2017/2018 (antes da BNCC) , todavia, suscitando uma não clareza de como a natureza se relaciona com ela ou se está enquanto “objeto natural” estaria presente nesse entendimento de Paisagem , pois, quando perguntamos a um aluno de graduação sobre “o que é Paisagem?” imediatamente recorrem a percepção de Milton Santos, pois foi esta ensinada massivamente desde os livros de ensino fundamental e corroborados durante todo ensino médio do anos anteriores e reproduzido mesmo nos cursos de graduação em Geografia é:

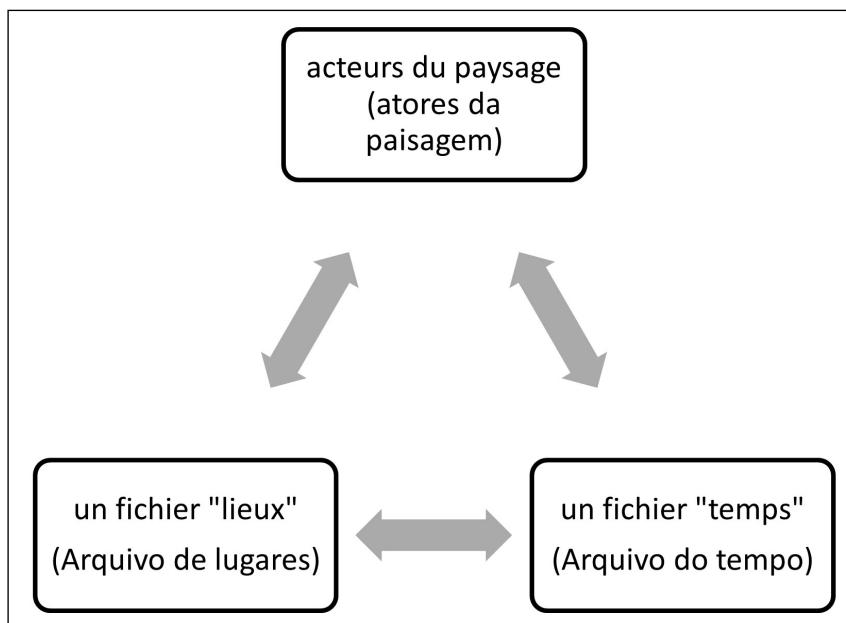
Tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como domínio do visível, aquilo que a vista abarca. É formada não apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc (SANTOS, 2014, p.67),

O que há é uma limitação em Milton Santos em estabelecer com maior clareza a dimensão de natureza o problema é consequência disso nos momentos seguintes. Atualmente nós temos ainda de um lado pesquisadores, artistas, profissionais que restam positivistas e mais objetivas que adotam a paisagem simplesmente como aquilo que é visível, uma imagem. (PASSOS, 2013, p.6)

Há um sentido contemporâneo da Paisagem em Maurice Godelier, que mencionado por Georges Bertrand (2019) considera-a ao mesmo tempo sujeito e objeto dotada de representações individuais e coletivas sujeitos a interpretação a partir de como dado lugar é materializado ou representado, ela é ao mesmo tempo lugar e imagem e quando se reconhece a sua materialidade entre o ir e vir com a imagem, a Paisagem se territorializa.

A paisagem é, portanto, ideal e material. É ao mesmo tempo objeto e sujeito. As representações, individuais ou coletivas, interpretam e constroem uma paisagem a partir da materialidade dos lugares representados. A árvore que se ergue em uma paisagem é essencialmente simbólica e metabólica. Ou seja, tem vida própria que modifica permanentemente o seu lugar na paisagem, aqui a paisagem não se reduz a um feixe de representações. Funciona como um movimento de vai e vem entre um lugar e uma imagem. Reconhecer uma dimensão material à paisagem significa territorializá-la. É, em suma, reconhecer sua geograficidade. (Bertrand, 2019, p.42. Livre tradução)

Do ponto de vista metodológico, aliás, este sido um gargalo perante aqueles que tendem a atuar com a Paisagem, já no provocará o próprio Bertrand (1997) que “Estudar uma paisagem é antes de tudo apresentar um problema de método.” (BERTRAND, 1967 apud PASSOS, 2007, p.8). Quando em muitas vezes há uma dificuldade em operar com esse conceito sobre a realidade devido ao seu alto grau de abstração, o próprio Georges Bertrand (2019), no remete a esse exercício que devemos operar a partir de 3 arquivos (registros), ao que ele chama de La grille de lecture pré-paysagère (Figura 2):



Fonte: Bertrand (2019, p. 44). Adaptado pelos autores.

Figura 2. La grille de lecture pré-paysagère em Georges Bertrand.

Outro princípio, é que a Paisagem em si, é um sistema de representação dada à complexidade dos componentes de sua composição no vaivém da imagem e realidade por dado observador ou conforme a intenção deste perante dada Paisagem, pois existe inserido nesta noção atores e projetos para dada Paisagem:

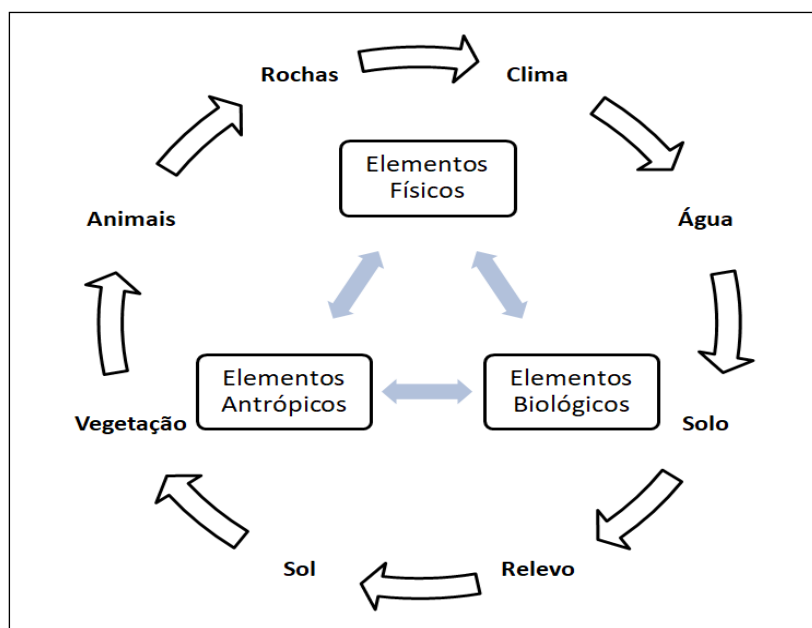
Cada paisagem corresponde a um sistema de representação que leva em conta a natureza dos lugares, os projetos dos atores e o fluxo cíclico e linear do tempo. Qualquer território é antes de tudo parte de um sistema de representação dominante, consensual e geralmente altamente divulgado (Bertrand, 2019, p.44. Livre Tradução).

Para Bertrand (2019), uma vez que a Paisagem é um “sistema de representação” esta pode representar duas classes que veem ou se relacionam de forma diferente com a mesma paisagem esta tida como subsistemas num dado espaço, divididos entre “grupos dominantes” e “grupos sociais particulares”, cada grupo fruto do projeto que deseja e possa estabelecer em dada Paisagem essa perspectiva que em muito depende inclusive do nível da escala que se pretenda analisar.

Por essa razão, o entendimento de Bertrand (1967) sobre Paisagem inicia a resolução de muito de nossos conflitos internos sobre a compressão de Paisagem, pois pare ele:

É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução. (BERTRAND, 1967 apud PASSOS, 1967 p. 7-8).

Se a Paisagem é um constituinte de elementos físicos, biológicos e antrópicos (Figura 3) logo nela está inserido a natureza e se essa combinação é dinâmica como a ação humana concebe e trata essa natureza nessa percepção de Paisagem?



Fonte: Passos (2007) apud Bertrand (1967). Adaptado pelos autores.

Figura 3. A paisagem em Bertrand.

AFINAL, O QUE É NATUREZA?

Ainda permeia o entendimento de que a sociedade e a natureza são entes distintos, em decorrência da noção distorcida de que a sociedade tem o controle total sobre a natureza. Partindo da lógica produtivista, onde a natureza serve apenas a produção do espaço. Alguns avaliam isso como uma forma de desqualificar ou desumanizar a natureza, da natureza, ora ela sendo biocêntrica, ora comportando-se por uma visão antropocêntrica (TOMASONI, 2019, p. 15). Revelando o caráter dualista da sociedade que faz uso intenso da mesma e ao mesmo tempo nega-a a origem de sua própria, ainda, sobre qual seria a sua relação com o (meio)ambiente.

Somos então convidados por Candiotto (2009) que ao se travar um debate contemporâneo sobre o meio ambiente e de que qualquer referência a este deva considerar as dimensões natural e social de forma conjunta e integrada.

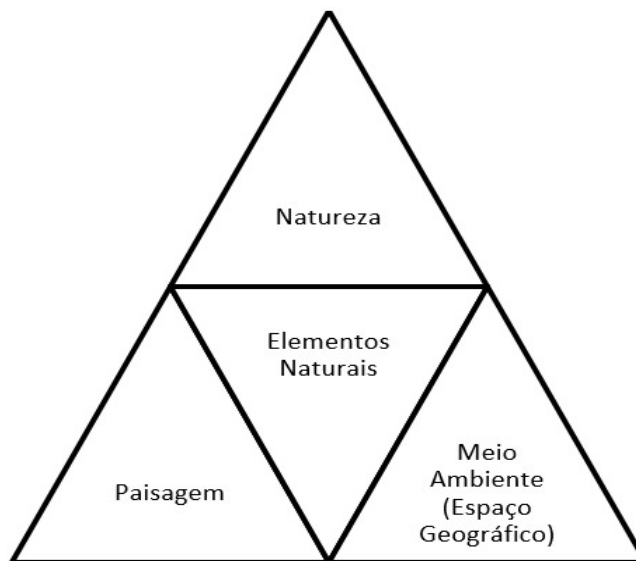
Logo, concepções sobre a natureza a rotulam ser considerada como um recurso natural de tal modo que a concepção de natureza assuma de a alcunha materialista, pois, uma vez que a forma como ela esta exposta no Espaço Geográfico de autores como (SANTOS, 1996; SAQUET, 2007, 2011; HERNÁNDEZ, 2013 apud CANDIOTTO, 2009) denota esse entendimento:

Esta concepção de hibridez do espaço geográfico denota que a dialética permeia a relação natureza-sociedade, assim como a relação entre objetos e ações, entre o material e o imaterial, entre o concreto (objetos técnicos/tecnosfera) e o simbólico (representações sociais/psicosfera). (SANTOS et al. apud CANDIOTTO, 2009, p.134).

Portanto, a crise ambiental vigente acaba por levar a certa confusão sobre o entendimento de natureza, assim como, **não nos** possibilita a agir corretamente sobre ela uma vez que nem sabemos exatamente defini-la ou posicioná-la para além de uma visão de totalidade, isso é referendado por Candiotto (2013):

Partimos do pressuposto de que a chamada questão ambiental é, eminentemente, uma questão territorial, de modo que as dimensões política e cultural, também vinculadas à dimensão econômica, influenciam sobremaneira as diversas concepções de natureza e de meio ambiente (CANDIOTTO, 2013, p.136).

Há um convite em se pensar que em algum momento houve uma fundição da natureza com tudo que há e converteu-se em “meio ambiente” como totalidade, mas este autor salienta que o homem é quem modifica a natureza através do trabalho, inclusive criando uma “segunda natureza” por meio da marcante modificação de dada paisagem através da alteração dos elementos naturais e aponta que o termo “meio ambiente” está mais próximo de espaço geográfico do que da ideia de natureza propriamente dito. Candiotto (2009, p.134), logo, ainda existe distinção entre os entes até agora discutidos, esquematicamente é algo como (Figura 4):



Fonte: Candiotto (2013). Elaborado pelos autores.

Figura 4. A distinção entre conceitos.

Noutro aspecto, há uma reflexão que perpassa pelo entendimento do uso dos recursos naturais, inserida dentro de uma lógica e um entendimento de que os recursos naturais são tratados como entes inesgotáveis, mesmo com uma crise ambiental vigente. Logo, a crise ambiental se vincula a uma crise de estrutura econômica global que “considera a la biosfera como un reservorio inagotable de recursos”. (JASSO, 2016, p. 142).

A natureza não é um mero recurso, todavia ela é tratada como tal pela sociedade no processo social no tempo e no espaço. Destarte, a ideia de recursos naturais que adotamos é a de que “los recursos naturales se definen como aquellos componentes de la naturaleza que no son alterados por parte del ser humano pero al requerirlos, pueden ser utilizados y transformados a través de la mediación del trabajo” (BRAILOVSKY; TIMM, 2014; DENSEREAU, 1981 apud JASSO, 2016, p.143).

O que nos possibilita pensar que uma necessidade de se pensara Paisagem e Natureza, mesmo que a partir de dois conceitos distintos, mas considerá-las que buscar fazer uma relação entre ambos seja de distinção ou de aproximação não permitiria a sobreposição de entendimento de uma sobre a outra, pois há de se considerar que a Paisagem vista do ponto de vista clássico aquela pela atuação ainda fortemente presente em Milton Santos pode gerar certa confusão ainda no processo de formação em graduação quando são apresentadas as base de uma Paisagem e do próprio debate de Natureza pela Geografia Física.

E O MEIO AMBIENTE AFINAL?

Embora haja uma relação entre um conceito e outro, partindo do pressuposto de que este esteja tentando explicar uma dada realidade; mesmo sendo limitado em explicar a complexidade da realidade. Contudo, devem existir elos na elaboração de determinado conceito, ou o conceito se encontra sempre, em nexos, em relação com outros conceitos (LENCIONI, 2008, p.110), então, quando se pensa em Paisagem, Natureza embora tenha percursos teóricos distintos deve-se buscar uma aproximação desse entendimento, de modo que ao se chegar na abordagem de Meio Ambiente⁴ este não representar a totalidade, numa crítica contundente Messias Passos diz que:

O Meio ambiente não é uma coisa unicamente científica. Não é um conceito. É uma noção (uma coisa banal). O meio ambiente não pertence a nenhuma disciplina. A Geografia foi uma disciplina ambiental, antes da palavra meio ambiente existir (PASSOS, 2013, p. 34)

A partir disto, fica fácil pensar num determinado conceito que compartilhe a mesma linha de raciocínio. Ou aquele conceito sobre um dado objeto “A” que foi aprimorado para “B”, porém, nesta “arte de fabricar conceitos” Deleuze e Guatarri (2010), quando as categorias de análise são diferentes há relação entre os conceitos? Existem elos entre os conceitos de paisagem, natureza, recurso natural e meio ambiente dentro da própria Geografia?

Esse debate no traz Sousa (2019), quando aponta que muitas vezes o termo “ambiente” é tido como primeira natureza ou natureza não humana, apesar uma vez que este mesmo meio ambiente foi intensamente modificado pela sociedade, o que há na verdade são feições de uma segunda natureza, ainda assim “meio ambiente” acaba sendo um par de palavras que denota uma redundância. (SOUZA, 2019, p.17).

Um apontamento relevante é que independentemente do caráter universal que possa assumir determinado conceito, o de meio ambiente não de compreensão unânime dentro da comunidade científica, pois cada ciência ou área do conhecimento acabou por dar um tratamento especializado sobre o tema, portanto, elaborando a sua própria conceituação sobre o que venha a ser “meio ambiente”, assim. Reigota (2010) nos diz que o caráter de difuso de meio ambiente possibilita esse não consenso.

O esforço que tem empreendido Souza (2019) tem sido empreendendo desde a substituição de prefixo “meio” de meio ambiente por “sócio”, considerando a pertinência de uma nova expressão “sócio ambiental” como acréscimo ainda da Geografia, cunhando então a “Geografia sócio ambiental”, a justificativa deste autor é clareza de que a sociedade é parte integrante do meio ambiente, portanto produto histórico-social, ainda sim, e sua proposição o autor abre do “sócio” e se encontra na chamada por ele de “Geografia Ambiental (SOUZA, 2009, p.19).

Para este autor a Geografia Ambiental é: Ela é, antes, um enfoque: uma maneira de olhar o mundo atividade profissional ou, mais particularmente, uma maneira de construir os objetos de conhecimento e formular os problemas científicos, tendo como pano de fundo determinados valores éticos e convicções político-filosóficas. (SOUZA, 2009, p.20).

De fato, há um conjunto de elementos na ordem socioambiental presentes na (inter) multidisciplinaridade da própria Geografia, seja pelo seu caráter de interação, interconexão e combinação, entre tantas componentes de um dado fenômeno social ou físico, esse tem sido o esforço na evolução dos conceitos ora abordados. Francisco Mendonça (2001), sabidamente já nos chamava a atenção de que:

Na evolução do conceito de meio ambiente (environment, environnement) observasse o envolvimento crescente das atividades humanas, sobretudo nas quatro últimas décadas, mas ele continua fortemente ligado a uma concepção naturalista, sendo que o homem socialmente organizado parece se constituir mais num fator que num elemento do ambiente. (MENDONÇA, 2001, p.116)

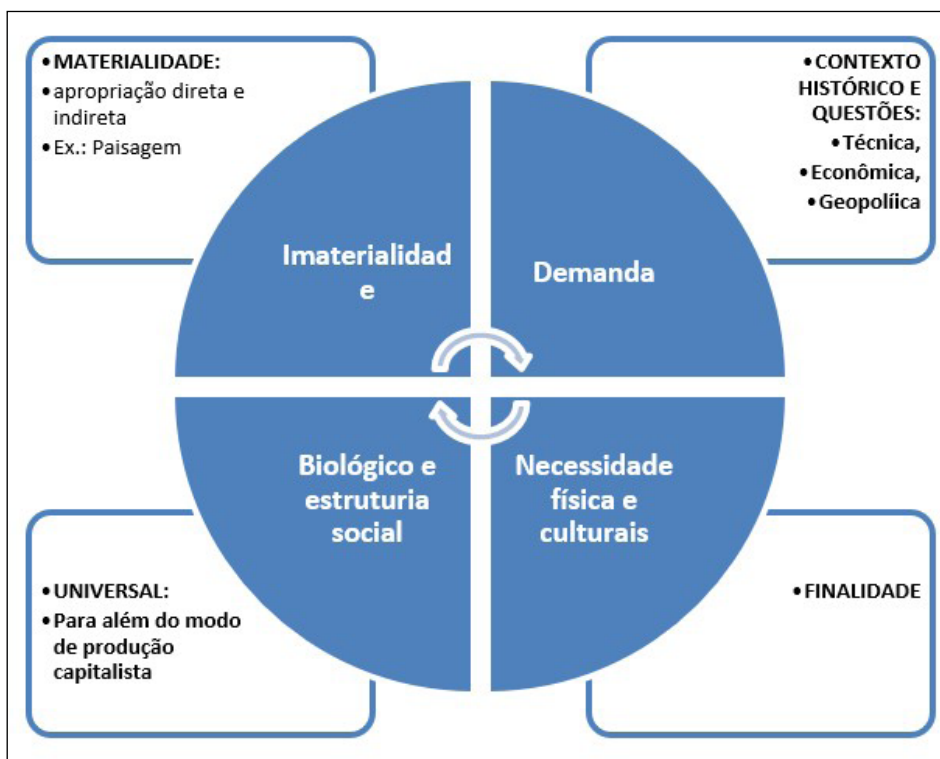
De certa forma, esse entendimento, considerando do ponto mais simples de que a Geografia se preocupa com a abordagem das relações entre a sociedade e natureza, muito embora a força do caráter naturalista, a Geografia há tempos apontava tendências e ela em si mesmo parece que pouco teve que se adaptar a ideia de “meio ambiente” ao transpor-se para uma Geografia Socioambiental, por que ela dava conta mesmo por meio de suas categorias de análise a ação do homem sobre a natureza, tanto quanto já trazia o debate de recurso natural. Já era a preocupação do Geógrafo France Claude Raffestin (1980), onde na sua obra *Por Uma Geografia do Poder* destina um capítulo a essa discussão e partindo de uma pergunta elementar – O que são recursos?

A fundamentação de Raffestin (1980) perpassa pela ideia de “matéria, recurso e tecnicismo” até a definição de recurso natural renovável e não renovável, para este autor, o conceito de recurso advém da seguinte noção:

Pois o homem não se interessa pela matéria como massa inerte indiferenciada, mas na medida em que ela possui propriedades que correspondem a utilidades. Nessas condições, não é a matéria que é um recurso. Esta, para ser qualificada como tal, só pode ser o resultado de um processo de produção: é preciso um ator (A), uma prática ou, se preferirmos, uma técnica mediatizada pelo trabalho (r), e uma matéria (M). A matéria só se torna recurso ao sair de um processo de produção complexo, que se pode formular de maneira rudimentar: ArM P (conjunto de propriedades ou recurso. (RAFFESTIN,1980, p.225)

Quando o Claude Raffestin (1980, p.225) trata que um recurso não é um meio, mas um objetivo para atingir um fim, sobretudo é político face ao interesse de certos grupos, e ainda acrescenta na ideia de “recurso” o trabalho e a tecnicidade, logo ele **já** reconhece a forte ação do homem sobre a natureza, e que sobretudo, recursos são na sua gênese uma relação do homem com a matéria e com a política, pois, é especialmente ordenado o próprio o acesso pelo próprio homem, o que para Mendonça (2001) e Souza (2009), é essa preocupação de uma Geografia socioambiental.

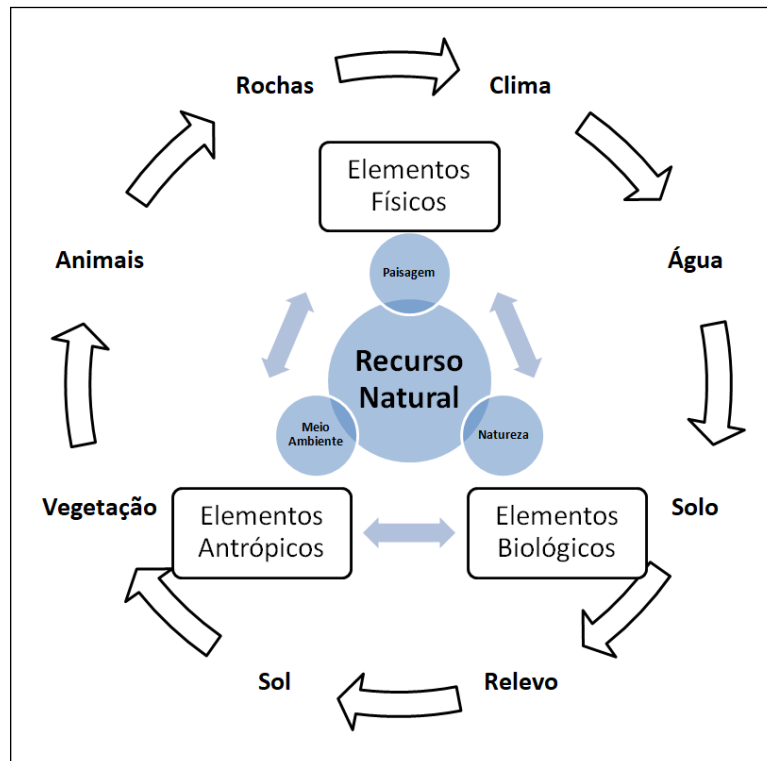
E se o recurso natural e suas feições renovável ou não renovável, for o elemento chave central que possa agregar os demais conceitos? Num exercício para definição de recurso natural Luis Venturieri (2006), a partir de uma metodologia de, partindo de uma ideia inicial a de que o “*recurso natural como qualquer elemento da natureza que possa ser explorado pelo Homem*” (VETURIERI, 2006, p.9-10), surgem um conjunto de outros questionamentos subsequente, assim, chegou a uma conceituação adaptada na Figura 3 aonde a Paisagem configura-se como um recurso natural, pois pela suas propriedades físicas, biológicas e sociais corroborada por (VENTURIERI, 2006,p.10) com base em Georges Bertrand (2004).



Fonte: Venturieri (2006). Adaptado pelos autores.

Figura 5. Recurso Natural com base em Venturieri (2006).

E,



Fonte: elaborado pelos autores (2014).

Figura 6. Recurso Natural como elo entre conceitos para Geografia.

Portanto, não apenas numa perspectiva de interação que deva haver entre Paisagem, Natureza, Meio Ambiente e Recurso Natural, enquanto a percepção de paisagem em sua amplitude não for apresentada para além da visão clássica, o meio ambiente deixe de se apresentar como a solução para tudo e conceito de natureza deixe de ser assumir uma feição cristalizada e o debate de recurso natural não for central e ao mesmo tempo aglutinador (Figura 4) das outras reflexões conceituais talvez corramos o risco de estimular ainda pensamento fragmentado e na própria explicação do que venha a ser Geografia ou do homem como um agente geográfico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto aos nexos:

Quando é possível o diálogo entre a Paisagem, Natureza, Recurso Natural e Meio Ambiente? Possivelmente, quando quebrarmos algumas barreiras no âmago dos corações da Geografia e não reproduzimos velhos discursos dicotômicos, ainda muito marcante presente.

A nossa percepção é que é imprescindível que a ideia de recurso natural trata-se do elo central entre Paisagem, Natureza e Meio ambiente, uma vez que, o homem é o principal agente conversor da natureza de dado puro em recurso natural, atribuindo condição

específica de uso de acordo com a propriedade ou conjunto de propriedades que ela ofereça este, torna-se agente modificador do meio ambiente por excelência especialmente num contexto de uma sociedade de consumo, portanto, à medida que o nível destas conversões e modificações seja elas lentas ou cada vez mais aceleradas pelo homem, alterando o clima, água, solo, relevo, sol, vegetação e as animais rochas fazendo uso das mesmas enquanto “recurso”, este passa ser o elemento central que não pode está dissociados ou ainda sendo tratado de forma fragmentada dos demais conceitos sob pena de que o devido mergulho isolado sobre cada deste possa levar a interpretações equivocadas.

Quando nos aprimorarmos a aplicabilidade dos conceitos dando um salto da abstração para o objeto concreto e quando pudemos ensinar aos futuros geógrafos que é de fato possível, ainda, quando ainda estamos sob a égide das especializações passarmos a entender que não há Geografia de uma mão só, assim com a ciência em si, mas que isso seja uma ocorrência mais cotidiana seja desde as salas de aulas até nas intervenções via projetos de pesquisa, inserção desta noção de forma mais abrangente nos programa de graduação e pós-graduação.

Quando compartimentamos as coisas para melhor compreendê-la esta ação não pode ser duradoura, mas apenas um dos tantos movimentos que se deva fazer ao girar um papel, uma paisagem, um texto muitas vezes para tentar enxergar o ângulo melhor.

Há de consideram que este princípio da integração, combinação e interconexão entre o meio físico, social e biológico não é uma tarefa tão simples num dada realidade ou escala tão complexa do mundo, tal como, não é simplório a noção de sociedade- natureza sequer tentar responder imediatamente “o que é Geografia?” quando esta natureza ainda é subjugada pela ação humana em suas modificações cotidianas a ponto de crermos que somos mais fortes que ela.

No advento dos últimos séculos serem da era da informação e da velocidade a ponto da ilusão da instantaneidade das coisas, das relações, dos fenômenos ações equivocadas que alteraram em muito a nossa percepção do tempo para a falsa ideia de que a informação verdadeiramente transcorre pelo espaço em tempo real.

Quando fazemos a retomada por meio das perguntas elementares, esse nexos entre conceitos e categorias ainda plainam o campo da abstração desde que, ações concretizadas apareçam em outras produções científicas e que nos retornem em soluções efetivas a estas questões aqui levantadas e outras e prol da sociedade.

O equívoco talvez, esteja em ainda crermos que o “meio ambiente” é tudo e que tudo está contido nele, ainda nos importa que a Paisagem é dotada de suporte e cobertura, assim perceber que ela se territorializa em função do tempo e das necessidades do homem com a partir dela mesma, que há muito mais dela na realidade do nos limites impostos pelos sistemas de representações. Não, a Natureza não primordialmente um recurso natural (renovável ou não), ela é primordial a vida humana, mas não apenas sob a força da lógica da produção e do produtivismo, ela é finita e esgotável.

E urgente à necessidade da nossa percepção de que serve a quem nessa relação sociedade-natureza, a modificação desta sobre o intenso e exploração do trabalho pelo homem, também, explora a natureza.

A noção de meio ambiente, enquanto totalidade, no contexto da crise ambiental vigente, configurou-se na impressão de uma resposta rápida as mazelas humanas, assim, seria aparentemente mais fácil solucionar com relativa rapidez tão complexo problema.

Não, a Geografia socioambiental não pode correr o mesmo risco de ser mais uma expressão que vá resolver a crise interna da própria Geografia, há necessidade o retorno ao elementar e o percurso aos conceitos e solucioná-los suas lacunas para depois um novo salto.

REFERÊNCIAS

- BERTRAND, Georges. Paisagem e Geografia Física Global. Esboço Metodológico. **Radega: O Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, n. 8, p. 141-152, 2004. Quadrimestral. Tradução: Olga Cruz. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3389/2718>>. Acesso em: 09 maio 2022.
- BERTRAND. Georges. **Composer un paysage, c'est recomposer une géographie**. Géographes associés, Association Française pour le Développement de la Géographie, 1995, Hors série, pp.41-45, 2020.
- CANDIOTTO. Luciano Zanetti Pessôa. A Perspectiva Dialética no Uso dos Recursos naturais e a Abordagem territorial como elemento de Interpretação Dinâmicas socioambientais. **Terra Livre**, São Paulo, Ano 29, Vol.2, n 41. p. 133-168, 2013.
- DELEUZE. Gilles & GUATARRI. Felix. **O que é filosofia?** Coleção TRANS - Editora 34 -Bento Prado Jr. (Tradutor) & Alberto Alonso Munõz(Tradutor), 2010.
- DELPOUX. Marcel. Ecosistema e Paisagem. In: **Métodos em Questão**. Tradução. May Christina Modenesi. Universidade de São Paulo, Instituto de Geografia, 1974.
- GABIONETA, Robson. A maiêutica socrática como 'união' de teorias no teeteto. **Classica** - Revista Brasileira de Estudos Clássicos, [S.L.]Belo Horizonte :, v. 28, n. 2, p. 35-45, 11 dez. 2015. Emestral:. Disponível em: <<https://revista.classica.org.br/classica/issue/view/25/35>>. Acesso em: 01 maio 2022.
- GRIGORIEV. Alexander A. Os Fundamentos Teóricos da Moderna Geografia Física. **Caderno Prudentino de Geografia**, nº15, de 1993. Traduzido do inglês por João Lima Sant'Anna Neto. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7379/5450>> acessado em 03/07/2021.
- LENCIONI, S. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 109-123, 2008.
- MENDONÇA. Francisco. Geografia socioambiental. **Terra Livre**. São Paulo, nº 16, 2001, p.139-158.
- PASSOS, Messias Modesto dos. **Paisagem em Meio Ambiente**. Maringá: Eduem, 2013. 217 p. (1).
- PASSOS. Messias Modesto (Org.). **Uma Geografia Transversal e de Travessias (o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades)** Ed. Masson, Maringá, 2007.
- REIGOTA, Marcos. **Meio Ambiente e representação social**. 8ª Edição. São Paulo: Ed. Cortez, 2010. 96p.

- SANTOS. Jémison Mattos dos. **Reflexões e Construções Geográficas Contemporâneas**. Santos (Org.). UFEB, 2004.
- SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2014. (Coleção Milton Santos,10).
- SOUZA. M.L. de. O que é a Geografia Ambiental. In: **Ambientes**. Volume 1, Número 1, 2019, pp. 14-37.
- TOMASONI. Marco Antonio. Considerações sobre a abordagem da Natureza na Geografia. In: **Reflexões e Construções Geográficas Contemporâneas**, Santos (Org.). UFEB, 2004.
- VENTURI, Luis Antonio Bittar. Recurso natural: a construção de um conceito. **Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 10, n. 02, p. 09-17, 2006. Quadrimestral. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geousp/about>>. Acesso em: 09 maio 2022.
- VIADANA, Alder Guilherme “Biogeografia: Natureza, propósitos e tendências” In: **Reflexões sobre a geografia física no Brasil**. A.C. Vitte & A. J. T. Guerra (Orgs.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- ZANOTELLI. Cláudio Luiz. **Geofilosofia e geopolítica em Mil Platôs**. Vitória: EDUFES, 2014.